GUIÃO



14 DE AGOSTO

RUMO AO MAR









Comandantes de Bandeira

VOCÊS perdoem, os que pretendem mais doutrina e menos conversa... Mas eu tenho que dar, nesta altura em que se iniciam os novos cursos de verão das Escolas de Graduados, um abraço a todos os rapazes que, depois de um ano de luta, voltam ao nosso convívio para prosseguir na obra de que são continuadores e pilares seguros para lançamento de novos empreendimentos.

Temos agora o "GUIÃO" para conversar. E por isso esta saudação especial para eles, os novos alunos do curso de Comandantes de Bandeira tem um significado que me cumpre definir.

Não é novo o que vou dizer. Já em relatórios oficiais da Escola Central de Graduados foi dito e repetido. Mas o "GUIÃO" veio permitir que dê, à minha opinião sobre esses rapazes, a justa publicidade.

Na verdade, os que vivemos no trabalho da preparação de graduados sentimos uma diferença profunda entre os alunos dos Cursos de Comandantes de Castelo e de Bandeira. E é consoladora essa diferença.

Nos futuros Comandantes de Castelo divisa-se, em geral, uma quase completa ignorância das coisas da Mocidade. Ia mesmo a dizer uma perfeita inocência! Nos seus olhos, — espelho de almas puras — perpassa, ao falarmos da M. P., dos seus objectivos, do nosso conceito de disciplina, dos preceitos do bom filiado e do seu papel educativo, do espírito da M. P. enfim, o espanto de quem está vendo desvendar-se um mundo novo. Mas nós supúnhamos que a Mocidade era só marcar passo, dizem. E a pouco e pouco faz-se a grande, a verdadeira revelação! Saiem estes rapazes da Escola e voltam no ano seguinte — voltam sempre os melhores — depois de um ano de contacto com as realidades, de desilusões, de pequenas vitórias, afinal grandes vitórias, pois nestas coisas de educação não há pequenas vitórias, e o seu olhar traduz uma confiança em si próprios, um calor, um entusiasmo que nada poderá apagar ou diminuir.

São outros na verdade, fortalecidos pelo vigor da luta por uma Obra que a todos dignifica e enobrece!

Meus caros rapazes: Sede benvindos! De novo aqui estamos para vos ouvir, para vos guiar, para receber de vós o alento que nos anima a prosseguir, invencíveis na procela!

Vão rodear-vos alguns dos mais velhos, dos que recebendo o "GUIÃO" da nossa Escola, o vão transmitir plenos de esperança que estareis dispostos a prosseguir na cruzada missionária que nos foi entregue: *ensinar a viver portuguêsmente os pequenos rapazes do nosso PORTUGAL!* A todos, *novos* e *velhos,* um grande e forte abraço!

MAJOR LUÍS RIBEIRO VIANNA

ORGÂNICA

10 MINUTOS DE CONVERSA

TERMINANDO o assunto da nossa conversa de Maio passado, vamos hoje tratar dos diversos elementos componentes da Bandeira da M. P..

1 — O Escudo branco

Ao chegar à Península para combater os infiéis, o Conde Henrique de Borgonha não traz nas suas armas qualquer sinal de nobreza. O seu escudo é liso e tem o branco da prata. Travam-se lutas. Sai coberto de glória das pelejas. O Rei de Castela concede-lhe terras. Para Henrique, chegou a altura de escolher o seu brazão e, porque sempre lutou à sombra da Cruz, escolhe, para distinguir as suas armas, uma Cruz Azul.

Este é o escudo que D. Afonso Henriques recebe de seu pai: — UMA CRUZ AZUL EM CAMPO DE PRATA.

2 — 5 Escudetes, 30 dinheiros em prata.

1139. Ourique.

Perante a hoste de Afonso Henriques, acha-se postada imensa multidão de infiéis. Para os cristãos é impossível vencer Ismar e os 4 reis mouros, seus aliados. No dia seguinte, após a batalha, tudo terá terminado para os homens da Cruz...

Conta-nos a lenda, e não nos repugna aceitá-lo como verdadeiro, que a Afonso apareceu em sonhos um ancião anunciando que Cristo apareceria a dar a vitória às suas armas.

Acordam o jovem Rei. Um ancião lhe quer falar... Afonso reconhece nele o mesmo do sonho. Veio dizer-lhe que, ao tocar o sino da sua ermida, Cristo lhe aparecerá a oferecer auxílio e protecção. De facto, assim aconteceu.

Ganha a batalha, Afonso Henriques, em memória das cinco chagas de Cristo, compôs nas suas armas 5 escudetes, cada um com 30 dinheiros em prata. Mais tarde os trinta dinheiros, preço por que Judas vendeu Cristo, são reduzidos para cinco em cada escudete, contando-se duas vezes os do escudete do meio para perfazer o número de 30.

3 — A Orla vermelha. Os Castelos. A Cruz de Aviz.

Em 1249, D. Afonso III conclue a conquista dos Algarves. Novas terras e castelos foram integrados no Reino de Portugal. A Bandeira Nacional sofre nova alteração.

Ao Escudo das Quinas acrescenta-se uma orla vermelha, e sobre ela, bordam-se os castelos, em número indeterminado, mais tarde fixado em 12.

D. João I adicionou ao Escudo a Cruz da Flor de Liz, distintivo da Ordem Militar de S. Bento, de que era mestre. Porém, não querendo alterar o primitivo conjunto, coloca a Cruz sobre o campo de prata, aparecendo sòmente na orla vermelha, a interromper a série de castelos, as Flores de Liz que a rematam.

Esta é a Bandeira de Portugal até D. Afonso V, em cujo reinado foi substituída. A Mocidade Portuguesa ao escolhê-la para seu símbolo, foi buscá-la à História para que reviva no seu significado heróico. Símbolo que reune em si — num misto de lenda e realidade — a epopeia dos primeiros grandes passos da Nação que depois se havia de estender a todos os continentes.

E terminámos, meus amigos. Aqui fica, em breve apontamento, alguma coisa do muito que poderás dizer aos teus filiados sobre a Bandeira da M. P..

Vítor Hugo

O Nosso concurso

O Concurso do número passado foi um êxito. Como muitos notaram, as infracções ao plano de uniformes consistiam principalmente no uso da gravata e na falta de emblema no bolso da camisa.

A propósito de muitas respostas, estranhando o panamá, convém esclarecer que foi autorizado o seu uso nas actividades de campo por oferecer melhor protecção contra o sol, do que o bivaque. No próximo número daremos a todos os interessados indicações sobre o modelo regulamentar, para que vocês mesmos o possam obter para os vossos Centros.

Os prémios couberam respectivamente:

1.º — C. C. Alfredo dos Santos Alves — R. Andrade, 48-r/c. — Lisboa.

2.º — C. C. Aníbal Augusto Teixeira Prazeres — Trav. Montes Claros, 6 — Coimbra.

3.º — C. C. António José Couto Pires — R. Ferreira da Silva, 10-2.º-Esq. — Lisboa.

Têm direito a receber o n.º 2 gratuitamente os seguintes concorrentes que apontaram os defeitos mencionados:

José de Lemos, Rui Isaias, José de Melo, Fernando da Silva Mateus, José dos Santos Constantino, A. Gonçalves, Guilherme Nazário, Nuno Gonçalves dos Santos Basto Machado, António Rodrigues, António Leopoldo Junqueira Coelho, Alfredo M. Correia, Vítor Manuel Couto Pires, Mário Alves Marques, António Deus Costa, Armando Alves.



Aqui temos mais uma gravura em que propositadamente o desenhador incluíu erros. Tu vais indicá-los e habilitar-te aos prémios habituais que, como sempre, serão sorteados pelos que acertarem. As respostas devem dar entrada na Redacção até 30 de Agosto.

OS NOSSOS JORNAIS

DENTRO do plano geral delineado nas palavras de apresentação da secção cultural da nossa Revista, vamos hoje começar a tratar dos diversos tipos de jornais que à M. P. dizem respeito.

Como não podia deixar de ser, ocupar-nos-emos, em primeiro lugar, do «mais M. P.» deles todos, ou seja, do JORNAL DE PAREDE.

A primeira pergunta que logo se põe é esta: **«Como deve ser o jornal de parede?»**.

É bastante fácil responder-lhe. Com efeito, sabemos todos que a sua característica principal é a alegria, uma alegria plena e inconfundível que em nada possa assemelhar-se à chalaça pesada, à «piadinha» soez. Nada de frases ambíguas, em cuja duplicidade de sentido encontre campo a malevolência que, quando espicaçada, sempre se revela e transborda de certos espíritos menos esclarecidos. Mas, em compensação, não deve faltar o comentário risonho, espirituoso, dos acontecimentos e factos que a tal se prestem. É preciso, no entanto, ter sempre o maior cuidado com as «gracinhas» em que se visem pessoas: às vezes, por meio delas, chegam-se mesmo a ferir profunda e cruelmente os alvejados. E fazê-lo em tais circunstâncias é a mais vil das cobardias, é mesmo um acto abertamente reprovável. Tudo quanto no jornal a tal possa prestar-se tem de ser imediatamente eliminado. E é aí que há-de concentrar-se toda a atenção e todo o bom senso de quem o oriente.

Além dessa parte, a que poderemos chamar jocosa, não deve também esquecer-se o artigo sério que, com clareza mas em não muitas linhas, verse um assunto formativo, mais elevado.

E nunca perder de vista que, num jornal de parede, tudo tem de ser curto, breve, ocupando pouco espaço: assunto em que se gaste muito papel está, seja qual for a sua natureza, condenado de antemão à desatenção do leitor. Com efeito, nem sequer a posição em que se lê o jornal convida a uma leitura longa e forçosamente cansativa.

Finalmente, com respeito ao aspecto geral, é evidente que quanto mais profusa for a ilustração e mais colorido o modo como se apresentar à vista, tanto maior será o agrado provocado e a atenção que o leitor lhe dispensará. Claro está que não vamos cair num exagero de cores tal que transforme o jornal em porta de drogaria ou em cartaz de tourada. Escolher-se-à um meio termo, ao mesmo tempo atraente e equilibrado. Resta ainda dizer que, para a compreensão e acessibilidade de uma grande parte daquilo que se publica, o desenho explicativo ou interpretativo é auxiliar de muita valia.

Resumindo quanto acima fica, teremos então como características principais a ter em conta:

1.ª — o jornal deve ser alegre (mas dotado de uma alegria honesta e sã);
2.ª — é imprescindível a parte séria, formativa;
3.ª — todos os artigos devem ser claros mas curtos;
4.ª — é de aconselhar o emprego profuso mas racional de desenhos e cores.

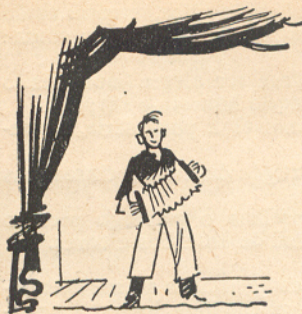
Uma vez assim estabelecidas as *normas gerais* a que o jornal vai cingir-se, logo outra pergunta surge: **«Quem e como vai colaborar?»**.

Se foi fácil responder à primeira pergunta, a esta não o é menos. Realmente, onde ir encontrar os colaboradores do jornal do Centro, isto é, dos seus rapazes, dos seus filiados, senão entre estes mesmos? Claro que são eles sem dúvida alguma, os mais indicados. No entanto, há a esclarecer que o jornal se não destina a ser montra onde espectacularmente se exiba a plástica formal da literatura do *menino A* ou os traços prodigiosos dos desenhos sem par do *menino B*, mas se faz para, com a graça e a elevação que cada caso requer, se tratarem assuntos e temas de geral interesse e utilidade. Isto é, não se pretende nem deve admitir e publicar colaboração só porque «está muito bem escrita» ou «tem uma expressão felicíssima». Só quanto vier e tenha de facto interesse deve ser aceite.

Por isso, há que fugir o mais possível à sujeição «ao que aparecer», haja a preocupação de se formar aquilo a que, talvez pomposamente, chamarei *corpo redactorial*. E é neste que se devem incluir todos os que têm jeito, habilidade ou queda tanto para escrever como para desenhar ou ilustrar. Depois, uma distribuição cuidadosa a todos dará que fazer, conseguindo-se assim, por um lado, evitar as contingências de uma colaboração irregular, incerta, sem normas e as imperfeições a ela ligadas; por outro, que haja sempre *matéria* e, para mais, subordinada a uma linha directriz. A colaboração *extra* não se desprezará, mas virá como acessória e não como fundamental. E outra

(Continua na página 21)





Acerca das festas dos Centros

A grande dificuldade na escolha dos elementos necessários à interpretação do programa que elaborastes (ou ajudastes a elaborar) consiste na atitude delicada, mas inflexível, que tereis que assumir (ou ajudar a assumir), perante a verdadeira *praga* de meninos-prodígios que sobre vós cairá, disposta, com as suas habilidades e momices, a transformar a vossa festa num serão de família provinciana e burguesa do fim do século.

O ser tal menino filho do sr. Fulano, pessoa de grande respeitabilidade, ou contar apenas meia-dúzia de anos (e, portanto, o seu meio-metro "ter muita gracinha no palco, aonde todos lhe perdoarão o pouco jeito") não é razão, de modo algum, suficiente para figurar nas festas da Mocidade Portuguesa, se não tiver real valor.

O menino que desfia uns versinhos incolores numa voz incolor, esticando o braço para o alto, a apontar o céu, quando fala no céu, e esticando o braço para baixo, para a terra, quando fala na terra, até que esbarra com um verso, volta atrás, hesita e acaba por fugir, a chorar, ante as palmas benevolentes e enternecidas dos papás, titis e demais parentes, não passa de um elemento indesejável: trai a Poesia e o espírito da festa.

O menino que com uma rabeca entalada no queixo e um arco na mão, ou algumas teclas brancas e pretas sob os dedos, ataca, afoito, uma melodia que já ouvíramos bela e harmoniosa, ante o aplauso familiar e o arrepio dos demais assistentes, não passa, também, de um elemento indesejável: trai a Música e o espírito da festa.

Por vezes, vós, os organizadores, convictos da obrigatoriedade da inclusão desses números de poesia ou música no programa, e não tendo à mão nenhum menino-prodígio, distribuís tal incumbência pelos camaradas mais próximos, sem indagar se estes têm ou não as qualidades necessárias para a desempenhar. Apontais qualquer a dedo e dizeis-lhe: "Tu vais recitar uma poesia!", como se o mesmo fora que ir buscar um feixe de lenha para a "Chama". E' claro que, na generalidade, o dedo não acerta com o recitador e o público sofre com tal processo. E a Mocidade Portuguesa sofre com tal processo. E etc., etc.

Em resumo: as festas da Mocidade Portuguesa não são pretexto para exibição de "fenómenos", ou satisfação de vaidadezinhas pessoais. Também não podem fazer-se apenas pelo prazer de realizar algo, sem curar se esse algo é bom ou mau.

Atenção, pois, à escolha dos intérpretes. Escolham-se apenas aqueles que mereçam ser escolhidos, por possuírem qualidades para tal: intuição, sensibilidade, boa dicção, entusiasmo e consciência da responsabilidade que lhes cabe.

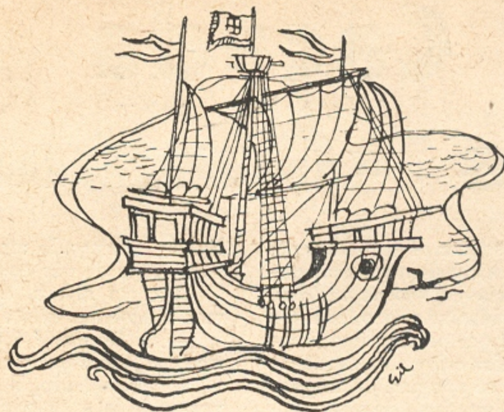
Enquanto não encontrarem elementos com estes predicados (afigura-se-nos impossível deixar, com boa vontade, de os descobrir), desistam de organizar festas da Mocidade Portuguesa, ditas "culturais".

E continuaremos no próximo número.

***

Conforme prometemos, iniciamos hoje com dois sonetos de Camilo Pessanha, a publicação da Antologia de poesias destinado a enriquecer o reportório das festas dos vossos Centros.

Quanto às peças de teatro estamos já habilitados a enviar algumas. Brevemente, será colocado ao vosso alcance todo o reportório do TEATRO DA M. P.



SÃO GABRIEL

I

Inútil! Calmaria. Já colheram
As velas. As bandeiras sossegaram,
Que tão altas nos topes tremularam,
— Gaivotas que a voar desfaleceram.

Pararam de remar! Emudeceram!
(Velhos ritmos que as ondas embalaram)
Que cilada que os ventos nos armaram!
A que foi que tão longe nos trouxeram?

São Gabriel, arcanjo tutelar,
Vem outra vez abençoar o mar,
Vem-nos guiar sobre a planície azul.

Vem-nos levar à conquista final
Da luz, do Bem, doce clarão irreal.
Olhai! Parece o Cruzeiro do Sul!

II

Vem conduzir as naus, as caravelas,
Outra vez, pela noite, na ardentia
Avivada das quilhas. Dir-se-ia
Irmos dando em um montão de estrelas.

Outra vez vamos! Côncavas as velas,
Cuja brancura, rútila de dia,
O luar dulcifica. Feeria
Do luar não mais deixes de envolvê-las!

Vem guiar-nos, Arcanjo, à nubelosa
Que do além vapora, luminosa,
E à noite lactescendo, onde, quietas,

Fulgem as velhas almas namoradas...
— Almas tristes, severas, resignadas,
De guerreiros, de santos, de poetas.

C A M I L O   P E S S A N H A

(1 8 7 1 (?) - 1 9 2 6)

Uma Caçada aos «Gambosinos»

VOCÊS nem sonham sequer os trabalhos em que nos vimos para conseguir o acampamento daquelas férias em *Vale de Ladrões*. O nome parece pouco convidativo mas o local é o mais sossegado e aprazivel que possam imaginar.

Não sei qual a verdadeira origem do esquisito nome, o certo é que, nunca se apagara da linguagem do povo a mancha da má fama do sítio.

Vale de Ladrões fica no extremo do Concelho e, como para além de Cerzedelo se estende a serra com paredões quase talhados a pique sobre minúsculos vales só conhecidos dos rebanhos de cabras em busca de pastio, acontecia que a zona nunca fora incluida na carta campista da região, elaborada pela M. P.

Como se o facto de ficar longe, só por si não bastasse para nos afugentar, ainda por cima se dava o caso de, nesses tempos, o proprietário do *Vale* ser um consumadíssimo forreta chamado Benoliel, incapaz até de dar a esmola de um copo de água ao pobre que visse morrer de sede. Pois foi com este senhor que tivemos de nos defrontar para conseguir licença de lá acampar. Mas como o fruto proíbido é o mais desejado, não desistimos. Fizemo-nos valer do médico, do carteiro, eu sei lá de quem... Debalde! O Sr. Benoliel era mais firme que a rocha sobre a qual batia a nossa «água mole». Ao fim e ao cabo, vencemos nós e ele acabou por ceder; todavia acamparíamos a considerável distância da horta e, sobretudo, do pomar carregadinho de fruta que era um encanto.

Bom, mas estou a afastar-me da história. Apenas menciono ainda que o nosso acampamento ficou instalado na clareira que tem um cedro muito alto. Em volta, como vocês verão se um dia lá forem, adensa-se a mata de eucaliptos cortada aqui e além para dar passagem aos carros de bois.

QUANDO a noite entrou, encaminhámo-nos para o local da «Chama». (Antes que me esqueça, devo esclarecer que o Sr. Benoliel se ausentara de casa logo que nós chegámos à quinta, partindo em viagem não se sabia para onde). A «Chama» decorreu o mais animada possível. No entanto, por detrás de toda aquela animação alguma coisa andava fisgada no ar, e era nem mais nem menos, que uma «caçada aos gambosinos» após o recolher.

O Instrutor Gabriel torceu o nariz mas, como não eram demais os curiosos, deixou com a condição de se não afastarem muito.

Marcou-se a área da «caçada» e, escolhidos os guias de «caloiros», procedeu-se à distribuição de sacos, lanternas, etc., etc., sem esquecer sal e pó de sapato «para fazer desmaiar os gambosinos».

Às onze da noite, a caravana pôs-se em marcha através da mata. Volta e meia um rebentava a rir com a ingenuidade dos «anjinhos» que nunca tinham acampado mas logo se recompunha o ar sério a fim de não comprometer a situação.

A certa altura, duas mãos agarraram-se ao meu braço com toda a gana, como a pedir auxílio.

— *Então que é isso, seu Carlitos? Estás com medo ou julgas que o meu braço se pode perder?*

Envergonhado, o Chefe de 2.ª Quina recompos-se logo e preguntou numa voz que se esforçava por parecer segura: — *Mas, como é que são os «gambosinos»? são de côr? e têem asas?*

Ainda eu estava a pensar a resposta e já o Zé Maria — um franganote que também acampava pela 1.ª vez — disparava todo ancho do seu saber: — *Então não sabes que durante o dia são verdes e à noite se tornam brancos? Uma vez até consegui caçar um casal à luz do dia. Isso é que é difícil, nem calculas mesmo o que suámos...*

O Carlitos, insistiu: — *Como foi que os caçaram — com rede ou à espingarda?*

Aí o Zé Maria titubeou sem saber o que havia de responder: *Bem, sabes. Isso é conforme...*

— *Então não disseste que os tinhas caçado de dia?*

— *Ah, pois claro, e foi uma bela caçada.*

— *Sim, e depois? foi com espingarda ou não?*

— *...Eu dizia-te, sabes. Mas... trata-se de «segredo profissional»... quando tiveres ido assim a várias caçadas como eu...*

Achei que já era altura de intervir quando não, seria eu próprio a convencer-me, tal era a certeza que o Zé Maria punha nas suas afirmações.

AVANÇÁRAMOS bastante e calculei que os outros grupos preparassem a *parte mais emocionante* da caçada. Em derredor estava tudo imerso no mais absoluto silêncio.

— *Bom, rapazes* — comecei — *muita atenção, vou ensinar-vos um truque infalível. Tu, Carlos, agarras no cajado e vais batendo nas moitas para levantar os* «gambosinos» — *enquanto os atiças assim: Fri! fri! fri! à corda, gambosino, à corda gambosino! Logo que oiças a restolhada deles a desenroscarem-se, avisas bem alto para que preparemos o saco e a corda. Quanto a ti, Zé Maria, andas nesta direcção, sim, essa mesma! se pressintires um movimento nas moitas, pões-te a gritar: «Mata, mata que é gambosino!». Estamos entendidos? Vá, toca a andar e não demorem. Os outros são capazes de já ter caçado algum.*

— *Até já meu Comandante!* — despediram-se — *vai ver que ninguém apanha mais do que nós.*

POUCO depois ressoava por toda a mata o grito de guerra dos «caçadores»: *á corda, gambosino, fri-fri-fri!!! fri- -fri-fri!!!*

Foi então que se deu um fenómeno que, a princípio, me deixou aparvalhado. Dez metros

adiante passou correndo, aos pulos, uma coisa branca, volumosa demais para ser qualquer espantalho feito pela rapaziada para assustar os «caloiros».

Inconscientemente comecei a berrar como um possesso: *Agarra! Mata, que é gambosino!*.

E, qual não é o meu espanto, ao ver a tal coisa branca parar e abater-se sobre o chão com um característico tilintar de metais enquanto se ouvia ainda o ruido de passos que se afastavam.

Decidido, avancei a passos largos e, vasculhando o chão com a lanterna de algibeira, dou de caras — *calculem lá bem com quê* — nada mais, nada menos que com uma trouxa de pano branco. Desatei a rir embora com vontade de saber quem fora o patusco que andara a divertir-se à minha custa.

Ia continuar o caminho quando tropecei em qualquer objecto que jazia no chão. Abaixei-me e — oh ceus! — era uma pesada salva de prata finamente cinzelada.

Um pressentimento fez-me correr a desatar a trouxa. Ao desfazer o nó, espalhou-se pelo chão o seu maravilhoso conteúdo. O cone da lâmpada iluminava ao mesmo tempo, ricos tecidos, pratas, joias, eu sei lá que fabulosas riquezas.

Afinal o nome de *Vale de Ladrões* não era de todo descabido para o sítio.

Entretanto, ouvia-se por toda a mata o grito dos caçadores: *A corda, gambosino, mata, lá vai um! agarra que ele foge. Fri, fri, fri...*

FIQUEI tão espantado com tudo aquilo que nem me mexi. Ainda estava na mesma posição quando alguém veio ao meu encontro, saltando que nem um galgo por entre os troncos. Mal me viu agachado ao pé da trouxa, gritou sem parar: — *Foge, Manolito! já nos caçaram. O Zé Pêco espera-nos na Lapa!!!*

— Com que então «Zé Pêco», «Manolito» e encontram-se na Lapa, ein?...

Sem perda de tempo peguei no apito e soltei o sinal de alarme duas, três, quatro vezes, toquei até aparecer a rapaziada a quem puz ao corrente da situação. Daí a momentos chegou também o nosso Instrutor Gabriel que, com o seu expediente habitual, breve nos livrava do sarilho.

Ficou um grupo a guardar a trouxa enquanto eu corria a casa do Sr. Benoliel a telefonar para vir a guarda do posto mais próximo e...

— Bom. O resto já vocês podem calcular. A quadrilha do «Zé Pêco» aproveitara-se da ausência do dono do Vale para lhe «limpar» a casa... deixando ficar apenas o pó.

(Continua na pag. seguinte)



TOPOGRAFIA

Orientação e Topografia

FOI a necessidade que os topógrafos tiveram de dispor de um meio simples mas eficiente que lhes permitisse representar nas cartas os pormenores do terreno, que os levou à criação dos sinais convencionais.

De facto, conseguiram, por esta forma, passar para a carta tudo o que caracteriza e dá vida ao terreno — estradas, linhas de água, caminhos, casas... enfim, todas as coisas que no campo nos são da maior uilidade. E' com o fim de poderes também ler e interpretar conscientemente uma carta, que hoje publicamos, bem que incompleta, a lista dos sinais mais usados, e que diremos algumas coisas sobre eles.

Não esqueças que os sinais não respeitam a escala da carta. Portanto, o facto de dois sinais representativos duma mesma coisa terem tamanhos diferentes não te autorizam a concluir seja o que for acerca da sua grandeza relativa no terreno. Não confundas um caminho arborizado com uma estrada arborizada, um bosque com um jardim, um pinhal com uma vinha, nem um aterro com um desaterro. Repara com atenção para o aspecto e a côr dos sinais, afim de evitares possíveis desilusões. E agora familiariza-te com eles, fazendo pequenas cartas duma região que conheças bem.

Sinais a preto

Escarpa
Forno de cal ou telha
Hospital
Areal
Moinho
Moinho sem velas
Moinho (ruinas)
Capela
Casas
Casas (ruinas)
Cemitério
Forte ou Castelo
Dunas
Igreja
Muro de alvenaria
Muro de pedra solta
Pedras
Pedreira
Quinta
Rochedos
Camin. de Ferro

Sinais a verde

Arvoredo denso
Sebe ou valado
Arvoredo
Mato
Vinha

Sinais a vermelho

Estrada com 5m
Estrada arborizada
Estrada com menos de 5m

Sinais a azul

Aqueduto elevado
Aqueduto subter.
Arrozal
Azenha
Chafariz
Linha de Agua
Mãe de água
Marinhas
Nascente
Poço
Tanque
Pantano

Castelo Branco

(Continuação da página anterior)

A «caçada» fora mesmo providencial pois os verdadeiros «gambosinos» a serem apanhados foram os tais meliantes que a Polícia descobriu no sítio da Lapapara onde haviam fugido.

— E, quanto ao Sr. Benoliel — perguntarão vocês?

— Quanto a ele, tenho apenas a dizer que é uma excelente pessoa, nada forreta, grande amigo da Mocidade a quem dá tudo o que nós pedimos.

— ???

— Não se assustem. Eu explico. O Sr. Benoliel *foi*, de facto, muito forreta mas, desde aquela noite, os rapazes da M. P. caíram-lhe de tal maneira no coração que não há coisa que lhes negue. Calculem que sempre que vamos acampar em *Vale de Ladrões* até podemos servir-nos à vontade da horta e. . do pomar! Claro que nós não somos pessoas para cerimónias...

E podem crer que o nosso simpático amigo terá muito gosto em que também vocês lá acampem. Aliás foi para vos convidar a isso, que eu escrevi esta história.

F. Elmano Alves

O GUIÃO e a Liga dos Antigos Graduados

O GUIÃO, que publica agora o seu segundo número, surgiu, como já é do conhecimento geral, por iniciativa dum grupo de Bons Graduados que sentia, por eles e por todos os espalhados pelos quatro cantos do País, a necessidade da Escola que os formou prolongar a sua acção para além de si mesma, por forma a facilitar-lhes a missão de que estão incumbidos e ao mesmo tempo a melhor apetrechá-los para amanhã se projectarem na vida da M. P. e da Nação como verdadeiros Pioneiros do Espírito da Mocidade.

E porque terá aquele grupo de Graduados traduzido um sentimento que é afinal o de todos os Graduados?

Naturalmente, e tenho mesmo a certeza, porque os Graduados de hoje sabem que a Organização os espera como Dirigentes e que uma parte das suas realizações, Ela lhes reserva confiadamente.

Portanto, os Graduados, sentindo conscientemente as suas responsabilidades e a elas não querendo fugir, não desconhecendo já que precisam completar o que teem, individualmente e em conjunto, pelas suas iniciativas e execuções disciplinadas, com o auxílio da Escola por onde passaram, actuam sobre si mesmos para que em cada um surja o que não tem e ao conjunto o que lhe falta.

É o que sentem os rapazes do GUIÃO. É o que sentem afinal todos os Graduados que não desconhehem as suas responsabilidades.

O GUIÃO é portanto a Revista dos Graduados da M. P., e tem por fim exercer sobre cada um e sobre todos uma acção *formativa, cultural* e *técnica,* complementar à das Escolas de Graduados.

Depois de me referir ao GUIÃO, talvez um pouco desnecessàriamente visto que não apresentei novidades, vou passar a fazer umas referências à segunda parte do título do artigo que me foi solicitado pelos rapazes da Redacção... A Liga dos Antigos Graduados.

Um pouco à semelhança do modo como apareceu a ideia do GUIÃO, surgiu, hà cerca de 5 anos, por iniciativa de um grupo de Antigos Graduados, a ideia de se criar uma Associação destinada a reunir todos os indivíduos que haviam passado pelas Escolas de Graduados, permitindo-lhes pela sua acção recordar as muitas alegrias vividas tempos antes nas diversas actividades da Mocidade e, ao mesmo tempo, apresentar-lhes uma facilidade para poderem acompanhar de perto os movimentos da M. P.

Posta a ideia a Sua Excelência, o Comissário Nacional, foi recebida e acarinhada de tal modo que, com o seu auxílio, passado pouco tempo a Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa era uma realidade.

E assim, conforme o estabelecido pelo Art.º 1.º dos seus Estatutos, com a denominação de Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa... abreviadamente Liga dos Antigos Graduados ou L. A. G., está constituida, por tempo indeterminado, uma Associação de carácter político e cultural, destinada a reunir todos os indivíduos que se encontrem na situação de Antigos Graduados da M. P..

A L. A. G. é portanto, para os Antigos Graduados, a continuação da M. P., e para a Nação, um conjunto de homens que, desempenhando as mais variadas funções na vida, são, pelo seu aprumo, mentalidade e virtudes, o exemplo do puro Nacionalismo Português e a garantia dos destinos da Pátria.

Fialho Rico
Inst. da E. C. G.

QUANDO, em 6 de Abril de 1385, o Mestre de Aviz é aclamado Rei pelas Cortes reunidas em Coimbra, falta muito ainda para se completar Portugal.

Lisboa continua ameaçada pela presença próxima de Santarém, Torres Vedras, Sintra, Atouguia (1) e outras povoações que permanecem fiéis ao Castelhano. Além disso, as terras de Entre-Douro e Minho, os penhascos transmontanos e o território de Riba-Coa são ainda obedientes ao genro de Leonor Teles.

É por esse motivo que, uma vez feita a aclamação, Nuno Álvares (que acaba de ser nomeado Condestável) corre logo, com o Rei novo, a restituir ao Minho a legitimidade do seu título de terra portuguesa.

Ao mesmo tempo que o consegue, é pulverizada em Trancoso uma incursão do inimigo.

Mas é curto o tempo de que se dispõe para respirar. Os Castelhanos não dormem nem desistem: de Sevilha enviam uma armada que fundeia no Tejo; na planície alentejana levam a cabo uma série de operações militares bem sucedidas.

Tudo isto radica no espírito de D. João I, a convicção de que vai começar pelo Alentejo a esperada invasão do Reino ainda trémulo.

E, ciente de que o objectivo directo do Rei de Castela será indubitàvelmente a capital, resolve cortar-lhe o passo.

Corre ao Porto (2), salta a Coimbra, passa em Penela, Tomar e Torres Novas e, na Golegã, atravessa o Tejo a vau em 26 de Junho. Com as forças que trouxe consigo e com as que foi colhendo pelo caminho, intenta defrontar o inimigo.

Mas sabe então que se enganou nas suas suposições. Com efeito, a invasão vai fazer-se, não pelo Alentejo mas pela Beira.

Ao alvorecer de Julho, é transposta a fronteira e, depois de, no sentido ENE-ESE, atravessarem a região beiroa, os Castelhanos passam ao sul de Coimbra (sem conseguirem entrar na cidade) e rumam a Leiria que atingem a 11 de Agosto. É evidente que os anima a intenção de ferir Lisboa quase de surpresa.

ENTRETANTO, o Rei de Portugal concentra em Abrantes todas as forças de que dispõe (as que ele próprio trouxe consigo ao descer de Guimarães, e as que o Condestável foi buscar ao Alentejo).

Reunido o Conselho, este é favorável a que se passe ao Alentejo e penetre na Andaluzia, obrigando-se assim o invasor a acudir em defesa do seu próprio território e a abandonar, portanto, a invasão começada.

É então que Nuno A'lvares ergue a voz, discordando. O inimigo está já muito dentro do território português. Não ir ao seu encontro é deixar lhe aberto o caminho para a capital. E «perdida Lisboa, perdido é todo o reyno».

Nas palavras do Condestável vibra intensamente todo o seu espírito de lealdade e de coragem. Arde-lhe no olhar a fulguração de um ímpeto irresistível.



E, ao ver a atitude intransigente do tíbio Conselho, despreza advertências e censuras e abala com os seus, declarando, alto e bom som, que, mesmo só, dará combate à tropa inimiga.

A BATALHA DE ALJUBARROTA

Apesar do coro de murmurações e discordâncias que o acto faz desencadear, o Reî compreende a atitude do seu companheiro de sempre.

E dá ordem de marcha a todo o Exército, ao mesmo tempo que manda avisar Nuno Álvares para que o espere em Tomar. Aí se reunem de novo a 8 de Agosto e se inicia, passando por Porto de Mós e Ourém, o avanço ao encontro do Castelhano.

Aljubarrota. 14 de Agosto.

A hoste de Portugal está disposta para o combate. Constituem a vanguarda, com frente para a estrada de Leiria, as seiscentas lanças que o Condestável comanda; a Ala dos Namorados, juvenil e disposta a não ceder nem um passo, ocupa a direita sob as ordens de Mem Rodrigues e Rui Mendes de Vasconcelos; na esquerda está Antão Vasques chefiando os auxiliares estrangeiros; a rectaguarda pertence a D. João I.

Desde o sol nado se encontram os portugueses preparados para a luta.

Mas só quando a luz incide a pino sobre a terra e os homens e o calor intenso, aliado à febril espectativa que domina as almas, põe nos corações um pulsar desordenado e no espírito de todos uma decisão inabalável de vencer, só nessa altura se desdobra ante os olhos da reduzida hoste lusitana o aspecto fantástico e soberbo do imenso exército inimigo.

À vista dos portugueses o invasor faz alto. O Rei de Castela reune um rápido conselho. E, embora uns achem melhor que se não dê combate e se avance sobre Lisboa, prevalece a opinião dos mais ardorosos e resolve-se atacar. Antes disso, no entanto, é feita uma manobra tendente a contornar as forças portuguesas. Nuno Álvares, num acto revelador de perícia e excelente organização, inverte ràpidamente o dispositivo inicial e prepara-se para enfrentar o novo sistema de ataque.

E cai já a tarde quando o grito de avançada se desprende, num reboar estrondoso, logo seguido do estrépito sem par causado pela rápida deslocação da massa incontável do monstruoso exército atacante. A frente, a cavalaria, num ímpeto avassalador, ataca furiosa e, embora muitos caiam, aos derrubados seguem logo mais e mais cavaleiros indenes que constituem um fluxo que parece interminável. Ante o impacto violento, a vanguarda lusitana cede a certa altura. E a chusma inimiga, incontida, invade o centro do pequeno exército. Mas as duas alas logo acorrem a sanar o perigo, ao mesmo tempo que o Rei avança com os seus homens. E' uma injecção vitalizadora. Tudo se recompõe.

E a luta continua, titânica, formidanda.

Por fim, o pendão de Castela estremece, inclina-se e vai ao chão. À vista disso, os portugueses criam ainda mais ânimo, os castelhanos desesperam. É então que se dá a retirada, a mais espantosa das retiradas. A onda deixa de afluir e reflue, dobrando-so sobre si mesma esmagando-se a si própria.

E o desbarato é completo.

DESCEU a noite.

Os mil ruidos confusos que enchem a vastidão do espaço em redor e que a pouco e pouco se vão diluindo e calando não são mais do que o estertor de uma ambição merecidamente desfeita.

E, à medida que eles se calam e o silêncio passa a dominar coisas e seres, vai-se confirmando, definitivamente, a vitória de Portugal que se reconstitui.

De facto, assim foi. Vencida Aljubarrota, tudo se simplificou e resolveu. Alenquer, Sintra, Óbidos, Torres Vedras e muitas outras terras submeteram-se logo a D. João I.

E, pouco tempo depois, a Terra Lusa estava de novo completa.

Tinha razão o cronista (3) ao afirmar, acerca do grande prélio e da desproporção entre os efectivos de um e outro dos contendores (4), que «os Portugueses não pareciam mais ante elles (os castelhanos) que o lume d'hũa pobre estrella ante a claridade da lua, em seus perfeitos dias».

Tal como na realidade dos espaços, a estrela aparentemente menos luminosa do que a lua, não tardou a surgir, radiante em todo o esplendor da sua luz própria, em toda a fulgurância do seu brilho sem par.

Brilhou e brilha hoje ainda, no corolário mais directo e profundo da magnífica vitória de 14 de Agôsto: a realidade de Portugal português

Não o esqueçamos nunca.

Carlos da Silva Lima

---

(1) Povoação próxima de Peniche que, desde 1526, se chama Atouguia da Baleia.

(2) O Rei estava em Guimarães, que tomara de surpresa e onde o Condestável viera juntar-se-lhe depois de submeter Viana do Castelo e Braga.

(3) Fernão Lopes (Crónica de D. João I)

(4) Menos de 7.000 Portugueses contra mais de 30.000 castelhanos.

EFEMÉRIDES

JULHO

1 — Festa do Precioso Sangue de N. S. Jesus Cristo.

4 - 1336 — **Em Estremoz, exala o seu último suspiro a Raínha Santa Isabel.**

6 - 1664 — Inicia-se o combate de Castelo Rodrigo, o mais importante encontro da Guerra da Restauração.

7 - 1578 — Chega a Tânger a armada de D. Sebastião.

8 - 1497 — Parte para a India a armada de Vasco da Gama.



11 - 1938 — **O Sr. Marechal Carmona inicia a primeira viagem presidencial ás províncias de São Tomé e Príncipe e Angola.**

14 - 1642 — El-Rei D. João IV cria o Conselho Ultramarino.

16 - 1212 — **Batalha das Novas de Tolosa.**

17 - 1665 — Termina a Guerra da Restauração com a decisiva batalha de Montes Claros que redunda em esplêndida vitória para as tropas portuguesas.

19 - 1415 — Morre, vítima da peste, a nobilíssima Raínha D. Filipa de Lencastre, esposa de D. João I.

22 - 1139 — **Batalha de Ourique**, ganha por D. Afonso Henriques contra 5 reis mouros.

1684 — Falece a célebre pintora portuguesa **Josefa de Óbidos.**

24 - 1360 — Nasce o contestável D. Nuno Álvares Pereira.

25 - 1415 — A armada portuguesa parte do Tejo à conquista de Ceuta.

31 - 1570 — Morre, em Lisboa, D. João V.

AGOSTO



2 - 1580 — Por ordem do Duque de Alba é mandado decapitar D. Diogo de Menezes, governador de Cascaes, por resistir ao invasor castelhano.

4 - 1578 — **Batalha de Alcácer-Quibir** onde para sempre se perdeu D. Sebastião e, com ele, a independência de Portugal.

5 - 1828 — Morre com 84 anos o grande botânico Avelar Brotero.

8 - 1709 — O P.e Alexandre de Gusmão sobe pela primeira vez na sua "passarola".

10 - 1500 — É discoberta por Diogo Dias a Ilha de Madagascar.

1511 — **Afonso de Albuquerque conquista Malaca.**

13 - 1773 — Morre o grande pintor Fransisco Vieira Lusitano.

14 - 1385 — **Batalha de Aljubarrota, em que o condestável D. Nuno Alvares Pereira consegue, com a pequena hoste portuguesa, derrotar por completo o fortíssimo exército castelhano.**

15 — Ascenção de N. Senhora ao céu.

15 - 1422 — D. João I substitui a era de Cesar pela era de Cristo.

16 - 1781 — O Marquês de Pombal é desterrado da Côrte.

1648 — Restauração de Angola por Salvador Correia de Sá e Benevides.



18 - 1892 — Morre o sábio médico português Doutor Sousa Martins.

21 - 1415 — **Tomada de Ceuta por D. João I.**

23 - 1484 — D. João II apunhala no Paço de Setúbal, o Duque de Viseu firmando assim os alicerces do trono português.

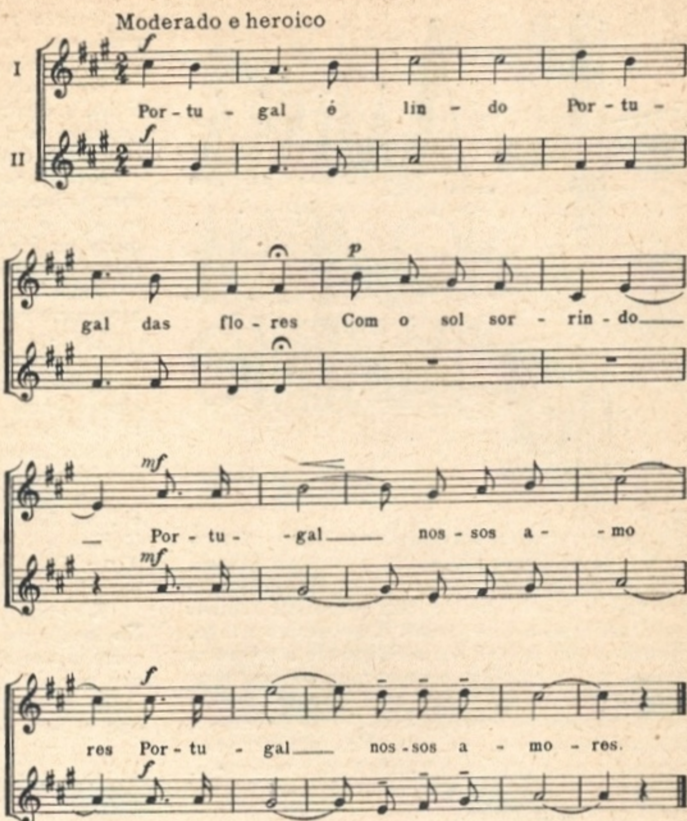
25 - 1580 — É derrotado em Alcântara D. António Prior do Crato.

26 - 1508 — **Afonso de Albuquerque entra em Ormuz.**

29 - 1498 — Regressa a Portugal a esquadra de Vasco da Gama.

31 - 1902 — Massano de Amorim conquista no interior de Benguela, a "embala" do Soque.

Portugal é lindo



LETRA DE
AFONSO LOPES VIEIRA

MÚSICA DE
ARMANDO LEÇA

Portugal é lindo
Com o azul do ar
Com o sol sorrindo
Portugal do nosso mar

Portugal é lindo
Da montanha ao val'
Com o sol sorrindo
Viva o nosso Portugal



II EXPOSIÇÃO

de ensaios para figurinos e montagens de Teatro

NO dia 28 de Maio, a Inspecção de Educação Artística da M. P. inaugurou mais uma das suas exposições, no Palácio da Independência. Temos pena de não poder levar até junto de vocês esse interessantíssimo conjunto de maquetes e figurinos, sobretudo numa altura como a de agora, em que se conjugam esforços para restaurar e dar nova vida e expansão ao *Teatro da M. P.*.

Como tudo o que é "Mocidade", o pequeno movimento começou por um reduzido número de rapazes que colocaram a sua arte e o seu entusiasmo ao serviço daquilo que poderá vir a ser um dia — e sê-lo-á, estamos bem certos — *o nosso Teatro*. A orientá-lo, a encaminhar vocações, a atear a indecisa chama nova, uma figura para muitos de nós já familiar: — o Inspector de Formação Artística da M. P., Pintor José Maria Amaro Júnior.

E, agora que já o apresentámos àqueles que porventura não o conhecessem ainda, passamos a

(Continua na pág. 22)



A Missa no Acampamento

NA conversa que travámos no primeiro número do «Guião», acerca das Festas da Páscoa, veio a bico de pena falar da obrigação que todo o filiado católico tem de assistir à Missa nos Domingos e dias santos, e, ao mesmo tempo, dissemos que deverá ser o Graduado a primeira pessoa a lembrar-lhe o cumprimento dos seus deveres religiosos. Claro que, quanto a este ponto, não restam dúvidas, todos estão de acordo, acham muito bem, etc. etc. Mas ponhamo-nos perante o caso prático, e vamos tentar resolvê-lo. Só assim é que vale a pena falar e «*a falar é que a gente se entende*».

Suponham que estamos acampados *com um pequeno efectivo,* um Castelo, por exemplo. Vem o Domingo. Claro que, se na Igreja aqui próximo for resada mais de uma Missa, o problema nem chega a por-se. Vão primeiro uns e depois os restantes. Mas pode dar-se o contrário e, então, o remédio será sacrificar três ou quatro filiados que fiquem de guarda ao acampamento e a cuidar do almoço, enquanto os outros não voltam.

Tratando-se, porém, de efectivo considerável, sendo vários os Castelos acampados, a grande solução será a de a Missa ser celebrada no campo, naquele mesmo campo onde erguemos a nossa cidadela de barracas de pano frágil, em que decorre o nosso trabalho e onde estamos a viver algumas das melhores horas M. P.

Aí, com a mata de pinheiros a servir de fundo, armaremos o Altar. De dois toros de madeira bem aprumados, ligados por uma espia, far-se-á a cruz que ficará erguida bem alto, dominando tudo em derredor.

Entretanto as quinas de limpeza já varreram o local deixando-o que nem um brinquinho (até parece que só falta dar lustro às pedras!).

Não vale a pena entrar em pormenores de execução: limitamo-nos apenas ao essencial e a sugerir uma ou outra ideia.

Por exemplo, se o local for descoberto, será bom colocar uma maca ali à mão pois é frequente darem-se desmaios motivados pelo calor e a imobilidade. Quando exista no acampamento um pequeno orgão ou harmónio é indispensável que seja transportado para o local afim de fazer o acompanhamento de cânticos religiosos.

Quanto ao altar pode-se armá-lo utilizando uma mesa vulgar, sobre-comprida, enfeitada na parte de baixo com bandeiras da M. P.

Sobre o tampo só se colocam as toalhas de linho, a «pedra de ara», as «Sacras» (3 pequenos quadros com orações em latim), os castiçais com velas e o Crucifixo.

Na altura em que forem combinar as coisas com o Sacerdote que vier dizer a Missa, perguntem-lhe o que é necessário e tomem nota de todas as indicações que ele der, afim de nada faltar na devida altura.

Vinte minutos antes da hora marcada, toque a reunir e revista aos fardamentos.

Quer-se tudo limpo, impecável — limpeza por dentro e limpeza por fora. Limpeza na alma — aqueles que comungarem, confessem-se com antecedência afim de não atrasar o início das funções religiosas — e limpeza no exterior, nas camisas *mesmo* verdes, nos calções escovados, nos botins limpos da habitual tonelada de terra.

Agora toca a andar. Está na hora. Graduados ou, na falta destes, Chefes de Quina, seguram Guiões e Bandeiras, de um e doutro lado do Altar. Os clarins à frente, à esquerda, a postos para tocar à Elevação da Hóstia.

E começa a Missa, a Missa do Acampamento. No local que desbravámos, na clareira onde decorre o nosso trabalho, olhando o céu imenso a que só as cristas das árvores põem limite, ondulando mansamente ao sabor do vento. Será aí que o Bom Deus descerá em Corpo e Alma, a encher as nossas almas da sua perene juventude — Ele que é o Deus da Eterna juventude.



A Missa do Acampamento! Momentos que não esquecem, antes viverão sempre na nossa memória aliados ao perfume do campo e ao sabor da forte amizade dos companheiros que lá cimentámos para sempre.

E quem sabe se não começará nesta hora de Graça a nossa ascenção para as Montanhas do Espírito, da pureza das nuvens que ora perpassam sobre o nosso Acampamento...

Elmano



INTERCÂMBIO

O GUIÃO NA IMPRENSA DIÁRIA

De entre as referências que a Imprensa dedicou à aparição da nossa Revista, cumpre-nos dar especial relevo àquela que o «Diário da Manhã» inseriu na seu número de 1 de Junho.

Com palavras do mais desvanecedor carinho e entusiasmo, publicou, com efeito, este jornal uma entrevista em que dizem dos objectivos, planos e esperanças do «GUIÃO», alguns dos Graduados redactores.

Agradecendo com reconhecimento muito sincero o interesse que ao «Diário da Manhã» mereceu a iniciativa, não queremos deixar de vincar o desassombro e compreensão com que abriu os braços aos nossos planos e anseios. Aqui fica o nosso reconhecimento.

A Redacção

CRUZEIRO DE GRADUADOS DA ESTREMADURA

De 14 a 25 do mês corrente, vão 60 Graduados da Divisão da Estremadura percorrer, em visita de camaradagem e recreio, as principais cidades da Beira Litoral, da Beira Alta, do Minho e do Douro Litoral.

A iniciativa tem, como é já do conhecimento de muitos, a finalidade de, ao mesmo tempo que faculta aos que nela participam o conhecimento das belezas naturais e das riquezas artísticas das regiões percorridas, ser o primeiro passo para um mais amplo e insistente intercâmbio entre os Graduados de todo o País.

Da intensificação desse intercâmbio — que figura, aliás, entre as razões de ser mais evidentes da nossa Revista — muito há a esperar.

Ao mesmo tempo que o registamos, fazemos votos por que a caravana mereça de todos e em toda a parte o mais entusiástico acolhimento.

«GUIAO», que vai com ela, dará, no número de Outubro, ampla reportagem do que houver digno de nota.



PELO CORREIO

Arend Leyens Wiedau — Caminho Forno do Tejolo 36, 5.º Lisboa. Portugal (Cont. —por cada 2 selos portugueses dá 1 estrangeiro; por cada 4 selos portugueses dá um selo comemorativo argentino. Colónias e Estrangeiro — troca 1×1; dá selos de qualquer país.

C. B. Manuel Conceição Marques — Póvoa do Varzim — Em resposta à tua carta peço que me informes com quem desejas estabelecer intercâmbio e em que língua.

C. C. Rogério António de Carvalho e C. C. Floriano Bento Soares — Amarante — Brevemente vos mandarei as correspondentes pedidas.

C. C. Vasco António Perdigão Ferreira — Torres Vedras — Em relação ao teu pedido para correspondente preciso que me mandes dizer com urgência qual o Centro em que estás a prestar serviço.

Arend Leyens Wiedau — Lisboa — Conforme pediste, publica-se hoje a lista dos livros editados pela M. P.. Quanto ao Jornal da M. P., encontra-se esgotado, mas vou no entanto ver se te consigo arranjar uma coleção.

PUBLICAÇÕES M. P.

Manual de Higiene, 1.º vol. 1$50; 2.º e 3.º	2$50
» » Aviominiatura	20$00
» » Filatelia	10$00
» » Atletismo	15$00
» do Lusito	2$50
Socorro, acudam!	2$50
Cancioneiro da M. P. — 1.ª edição	5$00
Missão dos Dirigentes — 1.ª edição	2$00
Acampamento — poesias	5$00
«Tronco em flor» — romance	15$00
Campismo Educativo	—$—
Progresso Social pelo Campismo Educativo	—$—
É a Mocidade que fala! — 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes, cada	1$50
Combustíveis	3$50
Noções de Geometrias Euclidianas e não Euclidianas	9$00
Regras de Voleibol	1$50
Regulamento da Federação Internacional de Esgrima	10$00
Regulamento de Esgrima da M. P.	7$50
» » Disciplina	1$00
» » Tiro	2$50
Regras de Voleibola e Bola-ao-cesto	3$50
Prontuários da M. P. cada	2$50
«Camarada» — jornal — cada	1$20
Boletim de Dirigentes	—$—

Miguel Centeno Fragoso



CORRESPONDENTES

Em todas as Divisões e Alas do País e sobretudo nos centros mais populosos, é indispensável que haja o Correspondente do «GUIÃO». Ele será o nosso mais directo colaborador junto da massa dos filiados — a quem confiamos a propaganda da Revista, a recolha de assinaturas e a distribuição de verbetes de Intercâmbio. São necessários, para esse fim, rapazes cheios de boa vontade e entusiasmo que sejam capazes de multiplicar a acção do «Guião» no seu meio.

(Continua na pág. 22)

CAMPISMO

A BARRACA DE QUINA

ESTA barraca de que hoje vamos falar é, como toda a gente sabe, do modelo das «canadianas».

1) — Medidas

Como se vê nas figuras 1 e 2, esta barraca tem: 1,^{m}35 de altura, 2,^{m}60 de largura e 2^{m} de fundo. A *saia* tem 0,^{m}40 de altura e a *aba* é de 0,^{m}10. As águas medem 1,^{m}60. Não te preocupes, por agora, com os tracejados da fig. 2, nem com a medida dos 2 m.

Agarremos numa peça, numa tesoura e... toca a cortar (mas cuidadinho..., ein!).

Vamos agora fazer, em pano, a fig. 4: começamos pelo grande rectângulo ABFE, que tem 2^{m} por 4,^{m}40 (0,40 + 0,10 + 0,10 + 1,60 + 1,60 + + 0,10 + 0.10 + 0,40). Podemos dividir a largura de 2^{m} em 2 larguras de 1^{m} (portanto, o rectângulo ficará pronto com dois bocados de 4^{m},40), cosidas na costura CD. Falta ainda dobrar pelos ponteados e, conforme indica o pormenor 1, fazer as abas, cosendo as costuras PX e IQ. As abas

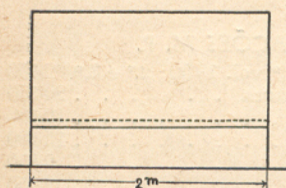


FIG. 1

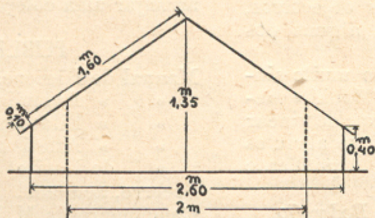


FIG. 2

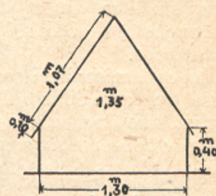


FIG. 3

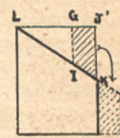


FIG. 5

2) — Partes essenciais

— pano, pròpriamente dito
— esticadores (com espias, argolas e cursores)
— suportes
— estacas

3) — Pano pròpriamente dito

Para a confecção desta parte, deverás consultar, com um pouco de atenção, a fig. 4, ou, *melhor*, decalca ou reproduz num papel àparte, o desenho central dessa figura.

Recorta-o, faz as dobragens, e logo ficarás com o modelo da barraca em miniatura.

E, agora, mãos à obra, mas à obra «a sério».

O pano a utilizar será um pano forte — por exemplo, o que é conhecido por «pano para lençóis». Ora este pano tem 1^{m} de largura (com umas margens, as chamadas «ourelas»).

ficam, pois, reforçadas, visto serem formadas por 2 partes de 10 cm., dobradas uma sobre a outra e cosidas nas costuras indicadas e nos extremos. Assim finalizamos a parte das águas, das abas e das saias da barraca.

Temos agora as «frentes» ou «portas».

Mas nestas há uma dificuldade: a largura de cada meia-porta — 1^{m},30 — é maior que a largura do pano, de modo que é necessário acrescentá-lo. Exemplificando: supondo que queremos cortar a porta HLIG, tomamos o rectângulo de pano JHLJ' (vidè figura 5) com 1^{m},35 de comprimento e 1^{m} de largura, cortamos a parte IHLK e, na outra, a parte lateral J'KIG, cosendo pela costura JK as duas partes de meia-porta. A parte do pano que fica nesta operação, que se repete para as outras 3 meias portas, será utilizada em reforços e presilhas para as argolas do cursor.

Terminadas as meias portas, cosem-se às águas pelas costuras IL, LP, QU e UX.

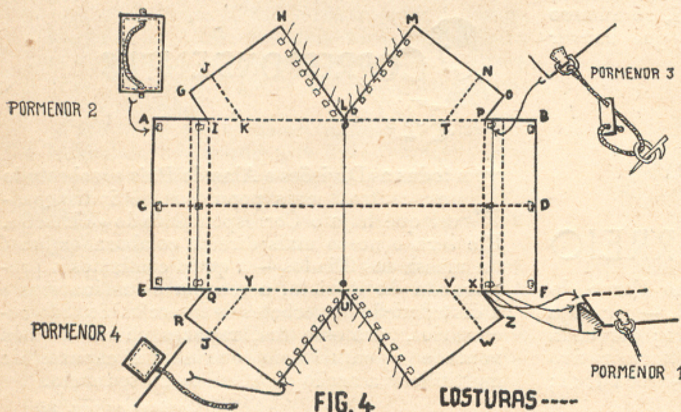


FIG. 4

Para completar a parte do pano, falta analisar ainda os pormenores 2, 3 e 4 da figura 4.

Pormenor 2 — representa o modo de pregar, na parte inferior da saia, as passadeiras de espia relativamente fina pelas quais se fixarão as estacas da base.

Pormenor 3 — Trata do modo de fixação da argola por onde passará a espia do esticador. Neste pormenor, veem-se ainda o *cursor* e o modo de ligar a *espia* à *estaca* por meio de uma argola metálica.

(Cont. na pag. seguinte)

Higiene e Enfermagem

Na Ordem de Serviço n.º 5 (ano 1947-48), podemos ler o Regulamento dos Serviços de Saúde da nossa Organização. Se o lembramos, nas suas linhas gerais, é por nos parecer de interêsse prático para o Graduado que vive os problemas do «seu» Castelo, os problemas dos «seus» rapazes, sem ter à mão elementos que lhe indiquem como os pode resolver.

Existe uma Direcção de Serviços, com um Director e três Inspectores, cada um dêles agindo em determinado campo, definido, concreto.

Assim, ao lado dos *Serviços Divisionais*, a cargo da Inspecção de Saúde, e realisados por médicos que trabalham nas Divisões, nas Alas, nos Centros, com uma missão de inspecção médica, de ensino de higiene, etc., temos os *Serviços Médico-Desportivos* e os *Serviços Médico-Sociais*, a cargo de duas Inspecções, a Médico-Desportiva e a de Acção Social.

Cabe aos Serviços Médico-Desportivos a honra de, entre nós, terem trazido para a Mocidade a primazia da intervenção médica na selecção dos praticantes de desporto e dos cuidados de vigilância nos locais onde se pratica. Outras entidades seguiram o mesmo caminho, mas o Centro de Medicina Desportiva de Lisboa foi, de facto, o primeiro.

Que se pretende? Pretende-se que o filiado inscrito para um dado Centro Especial só o frequente depois de o médico ter dito, após cuidadosíssimo exame, não haver inconveniente em que o frequente. Se surjem dúvidas, no Centro de Medicina Desportiva são feitas as análises e as radiografias necessárias e, ou o candidato é considerado apto, recebendo um cartão onde isso é registado, ou lhe é comunicada a rejeição, mal menor, quantas vezes já despiste de doença em evolução.

Mas a acção médico-desportiva da Mocidade não para aqui. Uma vez nos Centros especializados, os filiados em prática desportiva são estudados no esforço desportivo, para avaliar dos benefícios ou ajuizar dos prejuizos, a tempo de não serem grandes, tendo especial atenção com os filiados sob vigilância.

Quer nos Serviços Médicos-Divisionais, quer nos Médico-Desportivos, não exerce a Mocidade qualquer acção de tratamento. Limita-se a averiguar se o filiado, pela sua saúde ou constituição, pode ou não sujeitar-se a um dado esfôrço, geral ou especial. Apontando-lhe a tara, cumpriria uma missão de despiste. Mas é preciso ir mais longe, pois nem todos os filiados podem recorrer ao médico assistente, porque a situação económica em que vivem lhes não permitem que o façam.

Para êsses, e só para êsses, que constituem um problema médico-social, há os Serviços Médico-Sociais, já hoje funcionando no Porto, em Coimbra, Lisboa e Faro. Aí se presta assistência médica curativa (consultas, medicamentos, análises, tratamentos, etc.) aos nossos camaradas que não podem. Fique entendido não se tratar de uma esmola, mas de um dever de solidariedade, que a Mocidade gostosamente cumpre.

Em íntima ligação com êstes Centros funcionam serviços de inquérito e de assistência social, que procuram, na medida do possível, averiguar e remediar os desiquilíbrios sociais, de ordem moral, de ordem financeira, etc., que levam o filiado a procurá-los.

Em conversas que temos tido com os últimos cursos de Graduados, procurámos apresentar-lhes êstes aspectos fundamentais da nossa Orgânica da Saúde, para que saibam como encaminhar o filiado que lhes pede conselho. E se hoje escrevemos esta meia dúzia de linhas, antes de entrar pròpriamente no assunto das nossas conversas, é para nos localizarmos dentro da Mocidade, sabendo bem quais os meios de acção ao nosso dispor, na defesa da saúde dos rapazes que nos foram confiados.

Dr. E. Ribeiro Rosa
A. Q. S.

(Continuação da pág. anterior)

Pormenor 4 — representa a maneira como são cosidos à barraca os bocados de fita ou de espia que servem para fechar, da parte de dentro, as portas.

4) — Esticadores

Os dois esticadores de topo são formados por uma espia única que tem uma das extremidades terminando num dos cursores, passa na argola junto à estaca, prende-se ao suporte com o nó de «barqueiro» ou de «porco», entra na barraca através dum orifício praticado no pano e existente junto ao primeiro suporte, atravessa toda a barraca fazendo todo o trajecto de L a U e sobreelevando o pano das águas, e acaba por sair pelo outro orifício, ligando-se ao segundo suporte e daí continua até à estaca e 2.º cursor.

Esta espia que tem, no total, um comprimento aproximado de 7^m, deve ser fortemente fixada ao pano da barraca com alguns pontos de cordel fino.

As espias laterais prendem-se às abas conforme o pormenor 3 e têm um comprimento total aproximado de $1^m,80$. Observar, neste mesmo pormenor, o modo de colocar o cursor.

Quanto aos cursores que, habitualmente, não há à venda, são de um modo de confecção extraordinàriamente simples: cortar numa tábua da espessura de $0^m,006$ em tabuínha de $0^m,03 \times 0^m,08$. Com uma pequena broca abrir dois orifícios de $0,^m006$ de diâmetro.

5) — Suportes

Têm uma altura aproximada de $1^m,5$, dividindo-se em três partes de $0^m,5$, as quais se unem por dois tubos de latão, ferro ou ainda melhor, de alumínio, com $0^m,12$ aproximadamente de comprimento.

6) — Estacas

Servem as vulgares cavilhas-oitavadas que se vendem nas lojas de ferragens.

A. Tovar de Lemos

INSTRUÇÃO GERAL

Formações e evoluções

Maneira de instruir

Reatando a conversa do último número do «GUIÃO» vou hoje ainda apontar-te alguns erros que é frequente verem-se em Graduados, mesmo naqueles que se consideram bons. Os erros que hoje aponto são pequenos pormenores no conjunto das Formações e Evoluções, por menores que, no entanto, não se podem descurar, pois como sabes, é muitas vezes por causa de pequeninos nadas que determinadas obras falham.

É raro ver-se um Graduado corretamente colocado à frente de uma formatura. Regra geral, o Comandante de Castelo (principalmente este) coloca-se de maneira que dificilmente consegue ver bem os seus subordinados. Umas vezes está tão perto do castelo (**fig. 1**) que não vê os filiados dos flancos ou, pelo menos, vê-os muito mal, pois pela sua posição obriga os olhos a abrangerem um campo de visão que embora pouco profundo é muito vasto, forçando-o a virar a cabeça ora para um ora para outro flanco. Supondo que se coloca na posição de sentido, é-lhe impossível deslocar a cabeça e portanto não pode ver os filiados com precisão, tornando-se impraticável corrigir posições. Outras vezes coloca-se tão longe do Castelo (**fig. 1**) que não se consegue fazer ouvir ou então não pode, devido à distância, distinguir os seus filiados.

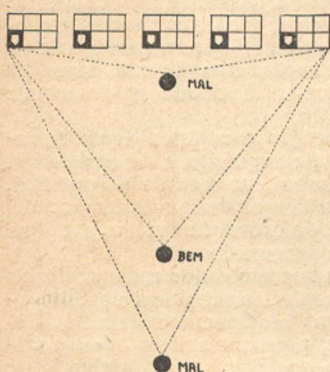


Fig. 1

Conforme o ditado segundo o qual «no meio termo é que está a virtude», o Graduado deve colocar-se de maneira a que abranja todos os seus filiados sem virar a cabeça e que os veja com nitidez para poder corrigir posições.

É também um êrro quando se comanda, corrigir a posição dos filiados tocando-lhes no corpo. Deve evitar-se este mal, já porque a atenção se concentra num e, portanto, o Graduado deixa de vigiar os outros, já porque isso representa perca de tempo. O que há fazer é: — Depois de terminada a explicação do exercício (explicação que fará sempre exemplificando) o Comandante de Castelo deve, durante certo tempo, deixar que os filiados executem o exercício independentemente uns dos outros e então corrigirá os defeitos, individualmente mas nunca tocando nos filiados — dizendo-lhes, sim — como devem fazer, exemplificando.

Terminado êste pequeno período de aprendizagem passa-se à execução em conjunto, e aqui a posição do Graduado, que atrás tratámos, deve ser perfeita, apontando-se, então, em voz alta, o filiado ou filiados que vão incorrectamente e indicando-lhes o motivo porque executam mal.

Quando se comanda, a posição que se deve tomar é o sentido. Isto para ti já é velho; no entanto, muitas vezes, quando mandaste o castelo colocar-se em posição de sentido, estarias talvez na posição de descansar.

— Como alinhar uma formatura? — Esta pergunta, à qual tu me darás resposta imediata se a fizer por boca, é no entanto, na prática, erradamente respondida.

A posição conveniente será colocado a um passo do flanco direito da formatura e no alinhamento do chefe de fila n.º 1 (**fig. 2**) e não longe dele ou como indica a (**fig. 3**).

No caso de estar outra formatura antes da tua, deves colocar-te junto do ante-penúltimo filiado desta, só procedendo ao alinhamento depois do seu Comandante a ter alinhado (**fig. 4**).

Espero que isto relembrasse alguns pequenos nadas, de maneira que, na primeira vez que te apareçam, os resolvas na perfeição.

Dito isto, até à próxima.

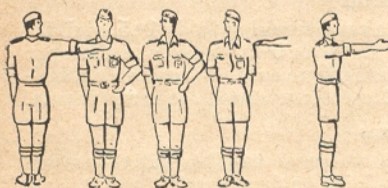
Simões Alberto

CONCURSO

A partir de hoje, em todos os números farei uma pergunta à qual vocês irão responder, esperando com esta iniciativa avivar os nossos conhecimentos. Como é da praxe, numerosos prémios esperam as melhores respostas.

1.ª pergunta:

Determinado Graduado foi escalado para comandar uma guarda de honra ao nosso Comissário Nacional, que ia inaugurar determinada exposição, tendo sido ainda convidados todos os Directores de Serviços, Inspectores, etc.. Qual seria a atitude do referido Graduado à chegada das referidas entidades?


Fig. 2

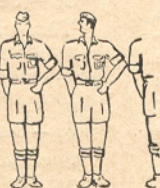
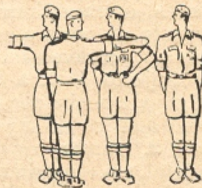


Fig. 3


Fig. 4

Um jogo de campo

A Lâmpada Maravilhosa

CERTO tesouro, enterrado havia muito tempo nunca mais foi encontrado. Porém um pergaminho havia, cujo texto, indicando a localização de uma Lâmpada maravilhosa, era indispensável para se poder atingir o sítio do fabuloso tesouro.

Um dia, os descendentes de D. Teobaldo "O Terrível", o cavaleiro que tinha escondido o tesouro, tendo conseguido a tradução do pergaminho, partem à procura da Lâmpada, de que já conhecem a situação exacta.

Mas o projecto chegou ao conhecimento de um bando de aventureiros, que suspeitavam da existência da Lâmpada sem no entanto conhecerem a sua localização.

E a luta vai ser espantosa! Ouvem-se já os gritos de guerra de ambos os grupos e pelo bosque soa o tenir das espadas e das achas de armas que se entrechocam. Relincham os cavalos, gemem os feridos...

Ora isto, meus amigos, é o tema de um novo jôgo que vocês irão experimentar nos vossos Acampamentos de férias.

E o jogo desenvolve-se da seguinte maneira:

A um sinal de apito, os "Aventureiros", que suspeitam do caminho que os "Cavaleiros" devem tomar, partem com um certo avanço sobre estes e preparam-lhes uma emboscada.

Pouco tempo depois, os "Cavaleiros", que transportam a Lâmpada, partem por sua vez e dirigem-se ao local do Tesouro que deve estar marcado com um risco a cal, com pedras ou de qualquer outro modo que seja suficientemente visível e distanciado do local da partida aproximadamente 500 metros.

Assim que os "Aventureiros" avistam os "Cavaleiros", começam a atacá-los tentando apoderar-se a Lâmpada. Estes defendem-se fugindo e aproximam-se cada vez mais, do local do Tesouro.

Logo que o portador da "Lâmpada" é agarrado, deve colocá-la no chão, podendo então ser levadapor um "Cavaleiro" ou "Aventureiro".

O jôgo termina quando um dos grupos chega ao local do tesouro ou quando, por falta de fósforos, a Lâmpada fica apagada, ganhando então o grupo que tenha feito mais prisioneiros.

MATERIAL

Uma caixa contendo uma vela acesa, que representa a "Lâmpada" maravilhosa, e que conterá também:

1 — Duas caixas de fósforos, diferentemente marcadas (azul e vermelho por ex.) uma contendo 10 fósforos para os "Cavaleiros" e a outra, 20 para os "Aventureiros".

2 — Uma mensagem indicando o caminho a seguir para encontrar o local do Tesouro.

REGRAS

— As prisões fazem-se agarrando o jogador, o qual deve entregar o bivaque que simboliza a espada. Os jogadores presos saem de jôgo e reunem-se num local préviamente determinado.

— Quando o jogador que leva a "Lâmpada" é agarrado, deve colocá-la no chão e esta pode ser então, levada por um "Cavaleiro" ou por um "Aventureiro".

— Cada grupo não pode servir-se senão dos próprios fósforos e estes devem estar sempre dentro da caixa.

— O número dos "Aventureiros" deve ser duplo do dos "Cavaleiros".

— Os "Aventureiros" partem com um certo avanço a fim de poderem preparar uma emboscada aos "Cavaleiros".

— Deve jogar-se em local arborizado e



com esconderijos naturais, tais como arbustos covas, etc.

— O jogo é ganho pelo grupo que consegue chegar ao local do Tesouro com a Lâmpada acesa. Quando, por falta de fósforos, a Lâmpada se apagar, o jogo é então ganho pelo grupo que tenha feito maior número de prisioneiros.

E agora, caros camaradas, espero que se divirtam com este novo jogo.

Miguel Centeno Fragoso

OS NOSSOS JORNAIS

(Continuação da página 5)

vantagem se consegue ainda: a de interessar em actividade do seu gosto um certo número de rapazes que, sem isso, se desaproveitariam.

Como o espaço de hoje me não deixa continuar, tenho de meter a língua na caixa. Prosseguiremos de aqui a dois meses, tratando então da *realização* do jornal.

Lima

E' a Mocidade que fala!

Inquérito

A todos os Graduados pedimos a maior correcção e clareza nas respostas ao questionário que apresentamos.

Da maneira como o compreenderem dependerá o melhor funcionamento dos Serviços Radiofónicos da Organização e, lògicamente, uma maior projecção nacional para a Mocidade Portuguesa e seu melhor conhecimento — desejo de todos os filiados de boa vontade.

1 — Tens ouvido as nossas emissões?
2 — Achas que interessam?
3 — Quais os programas radiodifundidos que preferes?
4 — Que alteração podes propor?
5 — Supões-te capaz de colaborar connosco e portanto escrever produções radiofónicas susceptíveis de interessarem os teus camaradas?
6 — Ouves as nossas emissões bem ou mal?
7 — Ouves tu sòmente, ou com outros camaradas?

Envia-nos o nome de cinco camaradas teus que tenham receptor em casa. Qualquer indicação suplementar que desejes fornecer-nos será o melhor atendida.

As respostas a este inquérito devem ser enviadas ao Comissariado Nacional da M. P., Direcção dos Serviços Culturais, Largo de S. Domingos — Lisboa, com as seguintes indicações: nome, posto, morada, localidade, idade, escola que frequenta e ano.

Emissões da M. P. em Agosto

DIA	HORA	TÍTULO	POSTO
1	22,30	"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce"	R. R.
4	19,05	Rádio Mocidade	E. N.
10	21,30	Rádio Mocidade	E. N.
15	22,30	"Deus quer...	R. R.
18	19,05	Rádio Mocidade	E. N.
24	21,30	Rádio Mocidade	E. N.
29	22,30	"Deus quer...	R. R.

II Exposição de Teatro

(Continuação da pág. 15)

dar-lhe a palavra, reproduzindo algumas das suas palavras escritas no Catálogo da 2.ª Exposição de TEATRO DA M. P.:

"Se temos graves responsabilidades na formação da gente nova, já de há muito que as aceitámos e as reconhecemos; todos nós, no campo de acção que nos foi destinado, temos até agora, cumprido em regime de melhorar aquilo que fizemos ontem."

"É um trabalho modesto, e nestes casos da Arte e da Estética, apenas nos sentimos os indicadores de percursos já que, por inconformismos dos homens, eles mesmos traçaram caminhos talvez em demasia, a pontos de não saberem qual devem tomar, para se aproximarem de."

"Este agrupamento de moços que se interessam pelo aspecto cenotécnico das coisas do Teatro, já aqui mostrou o ano passado aquilo que sabia fazer. Hoje são mais e a obra subiu de nível, no tal desejo insatisfeito duma evolução ou princípio, na defesa de que a Arte é para todos e mais quem se queira servir dela para dizer."

"Esta exposição, mais uma de tantas que temos realizado, no desejo de obter uma formação estética resultante da reunião espiritual de dirigentes e dirigidos, a nossa colmeia — mas nunca a imposição de maneiras ou processos que neguem aos nossos rapazes o direito de serem tal como o queiram, nas suas realizações plásticas."

"Mostrar o que eles fazem, discutir os temas e as teses, ter a camaradagem de confundir idades, lançá-los às vezes na actuação directa com o grande público, e juntar as suas produções para que as vejam, eis o nosso crime, ou para melhor, mais outro. Estamos prontos a ser julgados. Quem por aqui passar sem maldade, dará a sentença."

"A Revolução continua. A Mocidade Portuguesa também. Estamos em 28 de Maio, no ano de 1949."

INTERCÂMBIO

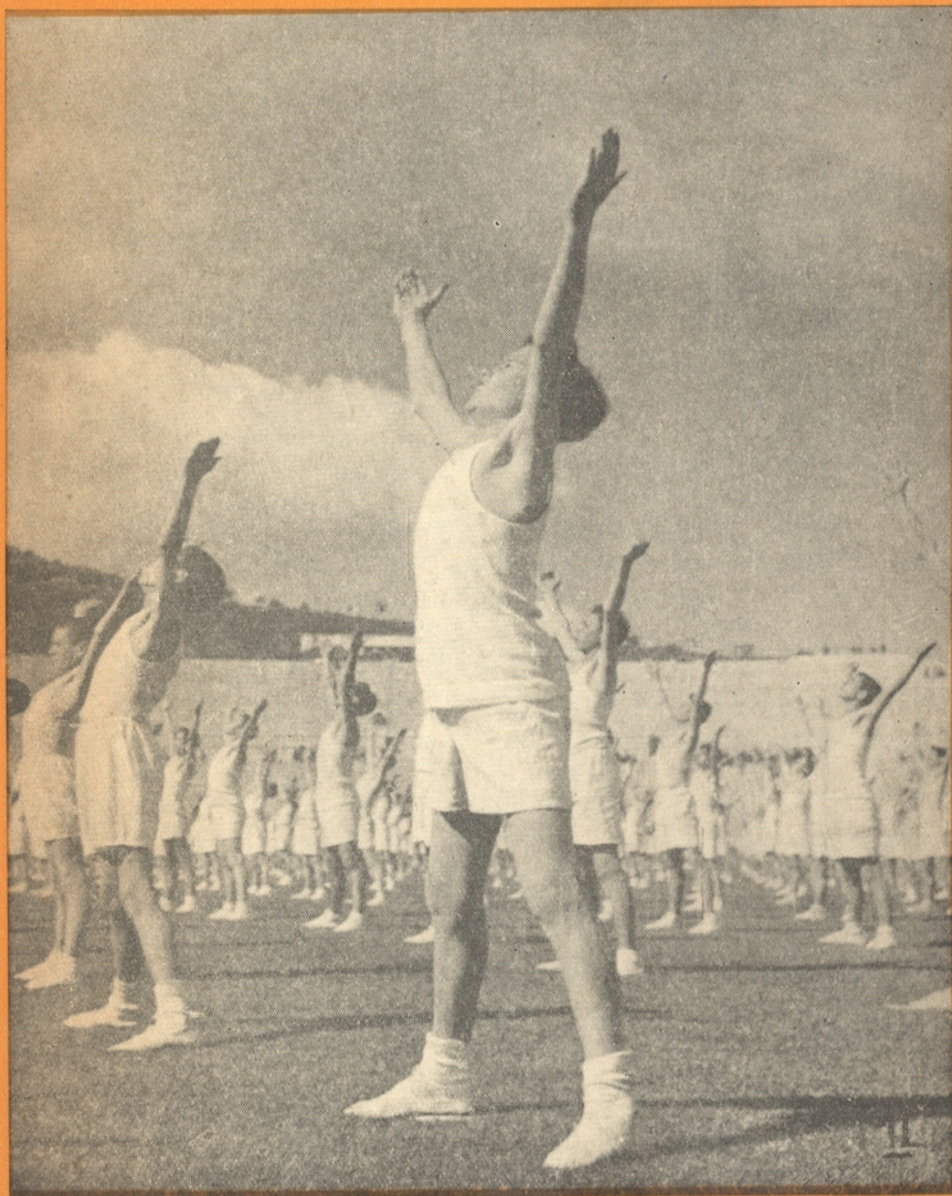
(Continuação da pág. 17)

Se te achares em condições de desempenhar esse cargo, escreve para o Redactor indicando o nome, posto, morada, Centro, Ala, e curso que frequentas, afim de se proceder à tua proposta para fazeres parte da rede dos nossos correspondentes.

AVISO

Ao Chefe de Quina José Manuel dos Santos Veríssimo, que nos enviou o seu pedido de assinatura acompanhado da quantia de 5$00, agradecemos o favor de nos indicar a sua morada, em virtude de a mesma se ter extraviado.

"Na base de toda a educação física está a Ginástica."



Vai já pensando na participação que o teu Centro dará em 1949-50 às actividades da Educação Física.

GUIÃO

REVISTA PARA GRADUADOS

Orgão editado pela O. N. MOCIDADE PORTUGUESA

DIRECTOR

A. Castelo Branco, C. F.

Director Artístico

Carlos G. Vicente, C. F.

Chefe de Redacção

F. Elmano Alves, C. B

Redactores

F. Simões Alberto, C. F. — Victor Hugo Rodrigues, C. B — J. B. Ascenso, C. B. — A. Tovar de Lemos, C. B. — Carlos Lima, C. B. — M. Centeno Fragoso, C. B — J. Macedo Afonso, C. B. — José M. Palmeirim, C. B. — F. Vidigal, C. B.

Redacção: CASA DA MOCIDADE
Rua de Almeida Brandão, 39 - Lisboa

Composto e impresso nas oficinas gráficas da: IMPRENSA BARREIRO, R Victor Bastos, 51

O número 3 do GUIÃO sairá no próximo dia 1 de Outubro

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PORTUGAL E COLÓNIAS:

4 números.	5$00
6 „	7$50
12 „	15$00
Número avulso	**1$50**



A Rádio espera-vos. Inscrevei-vos para locutores da M. P.